

A IMPRENSA

REVISTA SCIENTIFICA, LITTERARIA E ARTISTICA

DIRECTOR LITTERARIO — Affonso Vargas

ASSIGNATURA	Publicação quinzenal	EXPEDIENTE
Lisboa: cada numero, pago no acto da entrega... 2000 réis Provincias e illhas: trimestre ou 6 numeros..... 12000 Brazil (moeda fraca): semestre ou 12 numeros..... 12000 Numero avulso..... 2000	N.º 65	Toda a correspondencia deve ser dirigida á rua da Imprensa Nacional, 81, Lisboa. Assignatura paga adiantada. Artigos recebidos, quer sejam ou não publicados, não se restituem.

LISBOA NA RUA

Isto hoje não é talvez um artigo, mas um desabafo; por instantes queremos esquecer as mil cousas negras e de uma tristeza tragica, que encham de convulsões de dor e de arranques de desespero a alma de todos nós, velhos ou moços, para nos occuparmos de Lisboa, d'esta Lisboa sympathica e encantadora, apesar de tudo, que Deus Nosso Senhor fadou para ser uma perola, e que nós, seus habitantes, grosseiramente insistimos em conservar n'um seixal. . .

E como lhes dizemos. Com este sol bemdito que se desata em florescencias de oiro por todo o espaço illimitado, com este rio immenso, que se espregueia ondulante e doce por toda uma extensa margem, com a linha sinuosa e varia que dá á paizagem nossa um tão poderoso e tão inimitavel relevo, com este accidentado, emfim, das cinco ou seis collinas sobre que Lisboa repousa, nós, se amassemos viva e realmente a arte, poderiamos fazer da capital modesta uma maravilha unica e uma cidade incomparavel.

Dir-se-ha que somos pobres para o tentar, mas não só isto não é exacto, poisque centenas de mil réis se não gasto sem direcção e sem critica, para realisar cousas que nem sempre o bom senso indica ou o bom gosto reclama, mas algumas d'ellas demandariam apenas o concurso de um pouco de intelligencia e umas ligeiras noções de esthetica geral. Assim, por exemplo, um dos mais bellos ornatos decorativos de uma cidade, o arvoredo, que, para não irmos mais longe, nós largamente admirámos em Madrid, não está tão espalhado nas ruas de Lisboa como fóra para desejar, e seria tão facil.

Suppomos que dois renques de acacias, de platanos, de ulmeiros, ou de qualquer outra especie ornamental collocados nas ruas que a isso se prestassem, não arruinariam consideravelmente o estado ou a camara, e já isso de per si dava um aspecto diverso a innumerados pontos da capital.

Vão responder-nos que se faz isso nas ruas novas; mas é só meia verdade, porque de muitas novas, até novissimas, sabemos nós a que nem logar fizeram para um simples arbusto. . .

De edificações não fallaremos; por tres ou quatro com um rasoavel estylo e um tal ou qual gosto, con-

sente-se que nas proprias arterias mais importantes se levantem casebres vergonhosos, que são uma verdadeira obscenidade architectonica, e que deveriam ser prohibidos, por uma portaria, como as immundicies.

A illuminação, apesar da mudança de companhias, continúa n'alguns pontos a ser um mytho, e ha candieiros por essas travessas que estão abaixo de qualquer aldeia, a ponto de nós os termos visto melhores em Alhos Vedros, se bem nos lembra.

Das trapeiras do casario da nossa praça de D. Pedro não fallámos por denuncia; consta-nos que já um estrangeiro de passagem imaginou que eram ellas as guaritas dos cães de guarda, que os moradores por esquecimento deixavam no telhado. . .

Finalmente não nos referiremos a certos edificios publicos, porque temos muito respeito por estas columnas; sómente diremos que o palacio do municipio parece que foi cortado por baixo; que a academia de bellas artes é um pardieiro, e que o nosso parlamento é por fóra o que o bom senso publico diz de ha muito, que elle é por dentro — um tumor, e de mau caracter. . .

Poderiamos citar o palacio do ministerio de instrucção, tornejando para uma travessa escusa e lobrega, verdadeira imagem do symbolo que representa, o qual vem tambem a ser uma cousa vergonhosa e suja; e não deveriamos esquecer o nosso lyceu que de tal fórma tem destingido na mocidade que o frequenta, que essa mocidade não tendo nem os jardins que recreiam, nem os jogos que moralisam, nem os exercicios que fortificam; não possuindo tambem as salas de leitura, as collecções de arte, a policia especial e propria, o alto exemplo, e a verdadeira disciplina, que não pôde ser, é claro, o auctoritarismo da caserna ou do convento, se apresenta muitas vezes desordeira e inconveniente, dizendo chufas aos que passam e insolencias aos que a dirigem, provocando rigores que deviam feril-a, se não os houvesse auctorisado com os seus desmandos que deviam envergonhal-a, uma mocidade, emfim, que precisando gastar as forças de expansão que dentro de si traz, e não vendo onde, vem para a rua em correrias incruentas fazer chorar aos contribuintes o dinheiro que lhes custa um pretendido estabelecimento official de instrucção em que compendios, mobiliario e tantas vezes os professores parecem

apostados a bestialisar as intelligencias e a preverter os caracteres, derrancando ao mesmo tempo os organismos...

Não queremos, porém, sobrecarregar o quadro, e apenas diremos que esta cidade, que tem no Tejo o mais bello estuario, não possui uma escola de nataçãõ; que, tendo uma companhia das aguas largamente privilegiada, não possui uma grande casa de banhos hygienicos e baratos, ou, ao menos, nas zonas mais densas, estabelecimentos destinados aos proletarios e aos pobres, de maneira que estes desgraçados não sejam coagidos a considerar as lavagens amidadas como um luxo condemnavel e caro; que, sendo a séde de varias aggremações musicas, não tem uma sala propria para os grandes concertos populares, tão moralisadores e tão edificantes, e sobretudo tão indispensaveis como elemento da educação esthetica; que sendo finalmente uma cidade cheia de luz e de alegria, a luz e a alegria que a natureza generosamente lhe prodigalisa, não tem facultades imaginativas para conceber e realizar as grandes festas decoraes que são um prazer para os olhos e uma eucharistia para o espirito, festas que tanto contribuiriam para a sua riqueza particular e publica e para o desenvolvimento do gosto, da sociabilidade e da arte.

Porque, queridos senhores que nos leiam, não damos novidade alguma, repetindo-lhes que Lisboa tão attrahente pela sua paizagem, pelo seu clima e pelo seu ar é macambusia e tristonha pelos nossos habitos e pelas nossas pessoas, que evidentemente sabem rir, e riem em momentos dados, mas que de ordinario andam apprehensivas e serias, e raro têm aquelle sorriso constante e feliz que vem da acção persistente e benefica de um meio alegre.

Ora este meio forma-se pela vista das bellas cousas, e pela audição da boa musica, pela assistencia aos nobres espectaculos em que se saude a graça, a força, a sciencia, e pela participação em todas as festas em que a alma de cada um de nós vibre em unisono com as almas nossas irmãs, commungando todas a divina hostia do mesmo ideal sentimento... — e isto raro succede por cá.

Um simples pretextõ de festa, a sombra de uma razão de ser para ella podem accordar na corrente espessa da multidão, mil ondulações novas que enriquecerão o seu fundo de gosos estheticos e de tendencias espirituaes, e até determinar a eclosão de uma potente força de solidariedade e de sympathia em volta de uma boa obra, de um grande acto ou de uma generosa iniciativa, e tudo isto é tarefa da rua, do pieno ar, da alma publica em summa.

No dia em que governos, cidadãos e municipios se resolverem de vez a considerar a capital do paiz como o seu solar de honra, Lisboa será cá fóra o que ella em geral é no lar domestico, attrahente e agradavel, e dar-nos-ha a mesma sensação de indelevel bem estar e de doce contentamento, que já hoje nos proporcionam centenas de interiores onde não é precisamente a riqueza que abunda, mas que o bom gosto, a harmonia e a ordem tornaram cariciosos e tepidos, sem que, todavia, para isso fosse preciso que os seus invejaveis habitadores houvessem descoberto algum filão de ouro.

Despendem-se mesmo tantas sommas sem previsão e sem plano, que a bem dizer não é o dinheiro

até o que nos falta, mas o tino pratico e o saber theorico.

Ha por ahi edificio official que em superfetações ridiculas, em remedos vergonhosos, e em arranjos constantes onde n'um anno se escangalha o que se fez no anno anterior, se tem consumido o equivalente a havel-o feito de novo, e bem.

Diz-se isto á boca pequena e *tambem á boca grande*; é, pois, preciso, que acordemos para o juizo, e que não malbaratemos o bom senso.

Lisboa não pôde por certo ser uma cidade de luxo e de prazer; não tem recursos para deslumbrar os forasteiros com a grandeza e com a exuberancia ornamental dos seus palacios, das suas escolas, dos seus monumentos; mas se quer'ser mais que um aldeão — e deve ser — preciso emendar vergonhas que a deslustram, e corrigir desleixos que a rebaixam.

Arvores, muitas arvores onde seja possivel pol-as, asseio escrupuloso nas fachadas dos predios e nas ruas, candieiros todos elles e não apenas alguns proprios de uma capital, e não de uma villa sertaneja, e um completo refacimento no palacio das côrtes, na academia de bellas artes e em mais algum outro edificio que não seja possivel construir de novo; levantamento de um lyceu proprio do fim a que se destina; desapparecimento d'aquellas picarescas e ridiculas ruinas da galeria dos Jeronymos; deslocação do gazometro de junto da torre de Belem, porque a sua permanencia ali representa só por si um crime de desacato artistico; limpeza de todos os pejamentos que desnaturam o bello passeio do Aterro; edificação mais do que platonica do palacio da escola medica, em que ha tantos annos se falla, e que só agora parece querer tornar-se uma realidade; ligação do parque do Campo Grande com a Avenida da Liberdade, ao menos por meio de uma rua decente; desapparecimento de tapumes e de empecilhos que sómente representam desleixo e falta de respeito pelo publico e pelos visitantes, alem de uma incalculavel inopia de probidade municipal; juntamente com a organisação, logo que possivel seja, de concertos populares, de exposições especiaes, de festas publicas, de cortejos civicos, de certamens varios: eis o que é indispensavel para dar a Lisboa na rua o feito moderno de uma cidade movimentada e activa, para chamar sobre ella a attenção dos plethoricos de dinheiro que percorrem o mundo á procura de sitios onde o gastem, para em summa trazer a alegria e a vida a esta velha rainha do Oceano, cidade de marmore e de granito, onde aliás nem o marmore nem o granito abundam...

Verdade, verdade temos muitas cousas com que aborrecer-nos em familia para ainda virmos bocejar em passeio...

AFONSO VARGAS.

MATER DOLOROSA

Aquella filha, filha unica, era a menina dos seus olhos. Linda como os amores crescera, conservando sempre nas feições delicadas os traços caracteristicos da physionomia do pae, que morrera cedo e moço, deixando inconsolavel a viuva a apagar com lagrimas de infinita saudade os sorrisos infantis da pequenina orphã.

Na apparencia da força e da saúde desenvolvê-ra-se rapidamente, e aos quinze annos ninguem poderia descobrir, através das vivas rosas do seu rosto, que a tísica, herdada do paê, encetára desde muito n'aquelle corpo, triumphante de graça, a sua obra de destruição e de morte. Mas como tossisse e a espaços, não raros, se deixasse cair n'uma tristeza infinita e sem causa, escaldando-lhe as mãos n'esses momentos, a mãe, anciosa, mandou chamar um medico, certa já da fatal sentença que a esperava. E viu então claramente, á luz de um relampago fugitivo, com o coração a saltar-lhe dentro do peito, succederem-se todas as scenas da tragica morte do marido; sómente agora era a querida filha da sua alma quem na mesma poltrona gemia a sua infindavel agonia, com o amortecido olhar perdido no vasto panorama do Tejo, azul, sereno e manso, que da larga janella se avistava.

Recomeçou para a mãe a via sacra dolorosa: noites passadas em claro; o rosario de perguntas ao medico desfiado á pressa e em voz baixa no corredor, para que a filha não desconfiasse; a anciedade das horas da consulta do thermometro, que inexoravelmente marcava o mesmissimo grau de febre; o constante sorriso forçado e contrafeito, que a espaços a illudia á força de illudir a filha, sempre alegre na pequena sala, tão risonha e florida havia pouco, agora bem triste com as vidraças sempre fechadas, os frascos dos remedios esquecidos sobre o marmore da console e a tijela de caldo arrefecendo por sobre as bancas, respirando tristemente doença! Já nem o canario cantava na gaiola de arame suspensa da galeria da cortina. Pobre mãe!

Surda e implacavelmente a tísica caminhava, apagando nos olhos já moribidos da creança o fogo do olhar, fundindo as roseas cores do rosto n'um tom de cera mate, e cavando-lhe no peito, onde o amor não urdira ainda o seu primeiro e illusorio ninho, fundas cavernas que a esphaclavam, atirando-a brusca e desapiadadamente para a morte, sem nem sequer ter conhecido os passageiros encantos da vida. Na inconsciencia do mal que a roia, a pobre doente fallava a todas as amigas que a vinham visitar nas festas e bailes que se succediam. Era com um vestido côr de rosa que queria ir ao seu primeiro baile. A mãe, afogando com caricias as lagrimas que a suffocavam, dizia-lhe que sim, pensando que a primeira caminhada seria para a lugubre festa de que se não volta mais!...

Inesperadamente, uma bella manhã, entrou, porém, n'aquelle noite escura um ridentissimo riao de luz mais alegre ainda que uma alvorada festiva. Era o telegramma de Berlim, reproduzido em todos os jornaes, annunciando ao mundo a descoberta de Koch. A mãe lia e relia o conciso telegramma, sem poder crer o que os seus olhos lhe mostravam. Poderá, se era a vida da sua estremeccidissima filha o que aquellas breves palavras lhe traziam. Deus era bom, justo e clemente, murmurava entre o soluçar convulso que a desopprimia. Partiriam, iriam a Berlim, e doida de satisfação cuidava-se já de volta com a filha tão robusta e forte como antes de adoecer.

A sua vontade era ir ter com ella, dizer-lhe que estava salva. Teve medo, porém; poderia não ter forças para similhante commoção. O melhor era esperar o medico, combinar tudo com elle e até ali calar consigo tamanha felicidade. Que longas lhe pareciam as horas, e com que sobresalto escutava o menor ruido da rua! Tinha ao seu lado a filha, tão branca como as vélas que no rio vogavam beijadas pelo sol, reclinada na poltrona, no abandono da vida que fugia, e no seu coração de mãe a esperanza tornára-se por tal fórma certeza, que não via diante de si senão a filha já resuscitada na frescura viçosa dos seus dezeseis annos. Sentia-se feliz!

Ella que de ordinario demorava o mais que podia as visitas do medico que, carinhoso e bom, animava com palavras enganadoras a pobre creança, n'aquelle dia, como o doutor não fallasse na descoberta, que era toda a sua preoccupação, torcia-se n'uma mal disfarçada impaciencia, tardando-lhe o momento da despedida para lá dentro, fóra das vistas da filha, o consultar sobre a immediata viagem que projectára.

A catadupa de palavras que lhe expoz todo o confuso plano que phantasiára, o medico respondeu:

— Esperava encontra-la assim, minha senhora, mas um telegramma só não basta. São senhores mais promotores que não podem demorar muito a ser conhecidos. Uma viagem tão longa, empenhida já, n'esta epocha do anno, no estado em que se encontra sua filha, seria uma temeridade que não posso nem devo aconselhar.

— E então certo que me vae morrer? — E foi tal a expressão de angustioso desespero que se lhe desenhou no semblante descomposto, que o medico interrompeu:

— Não se falla aqui em morrer, apenas em não expor sua filha a uma viagem inutil. O que se sabe da lymphá, que curas tem operado? Esperemos confiadamente, e, sobretudo, que sua filha não sonhe a existencia do supposto remedio que lhe daria a certeza da doença que a afflige e que ella ignora. Conservemos-lhe o espirito tão despreoccupado quanto possivel. Por minha parte asseguro-lhe que seguirei com a maior attenção as experiencias, que seguramente se vão tentar, prompto a fazer tudo que se possa traduzir n'um allivio para a sua querida filha.

Ao descer a escada, com o echo das suas proprias palavras a martelar-lhe ainda nos ouvidos, a consciencia dizia-lhe, que deixava em cima um cadaver!

Agora a vida da mãe concentrava-se inteiramente n'aquelle idéa fixa que a dominava. Todas as manhãs lia com ancia os jornaes, e, quando o medico chegava, antes mesmo de o levar á filha, começava a discussão da vespera com argumentos novos que, no seu entender, de sobejo provavam a excellencia do remedio. Tão cega estava que nem via os progressos aterradores que a cada minuto a doença fazia, insistindo sempre pela viagem. O medico contestava que as informações dos jornaes não mereciam credito, que era ainda necessario esperar, procurando confundil-a com termos technicos que a desorientassem.

A filha essa, agonisando, estranhava a mãe que já não tinha para as suas queixas, para os seus gemidos, aquella commiseração prompta e facil que tanto a suavizava. E com a clara perspicacia propria da sua doença, relacionava os mais pequeninos factos que a sobresaltavam. Ha que tempo a mãe não fazia ao seu lado a leitura dos jornaes?

Muito naturalmente, aproveitando um momento de se achar só com a creada, occupada a compor-lhe as almofadas da poltrona, pediu que lhe trouxesse um jornal.

— Ora para que quer a menina um jornal? Para lhe fazer a cabeça doída como á mamã, por causa do tal remedio lá da Prussia? Deixe-se d'isso, menina, gente que nunca fez se não matar outra gente, inventar agora remedios! Eu bem o prego á mamã.

— Quem te fallou em remedios? O que eu quero é saber a opera que se canta hoje em S. Carlos.

— Lá isso é outra cousa — e entrou na saleta contigua trazendo logo um jornal. — Veja menina, veja lá o theatro emquanto eu vou chamar a mamã.

Em letras grandes, enormes, como espantelhos n'um campo semeado de fresco, saltou immediatamente aos olhos da desditosa creança a secção consagrada á cura da tísica.

Estava tísica! E tinha-se effectivamente descoberto o remedio salvador! Mas era tarde, sentia que era tarde, que já não chegaria a tempo! Pelas faces desmaiadas começaram a correr-lhe, silenciosamente, pesadas lagrimas em fio!...

Ao presentir os passos da mãe arremeçou para o lado o jornal; tentou ainda compor a physionomia, mas como não podesse, estendeu-lhe os braços, supplicante, agarrou-a para si n'um derradeiro esforço, murmurando-lhe ao ouvido entre beijos que desfaleciam:

— Que pena! não chegar a tempo! — e, deixando pender a cabeça, morreu assim como um passarinho a quem se aperta o pescocito delgado!...

BERNARDO DE PINDELLA.

Pertence ao livro *De Braço Dado*, que dentro em pouco deve apparecer nas livrarias, o bello conto que acima publicamos, e com que o auctor e nosso querido amigo quiz ter a gentileza de distinguir a nossa revista.

Dr. BERNARDINO ANTONIO GOMES

O dr. Bernardino Antonio Gomes, cuja memoria será sempre recordada com a veneração e respeito devidos ao medico abalizado, ao sabio profundo, ao cidadão benemerito, ao portuguez de lei, finalmente, teve por berço a cidade do Porto, onde nasceu em 22 de setembro de 1806.

Filho de outro medico celebrado, do mesmo nome, e de quem os annaes da sciencia conservam honrosissimo registo, o sr. Bernardino Antonio Gomes, habilitado com os preparatorios necessarios, passou a frequentar a universidade de Coimbra em 1823, anno em que fallecera seu pae.

Em 1826 formou-se na faculdade de mathematica, e com taes creditos que ao fim do curso foi convidado a acceptar a formatura gratuita e o capello, na conformidade da carta regia de 28 de janeiro de 1790.

Matriculou-se o sr. Gomes em 1827 na faculdade de medicina, chegando a completar os dois primeiros annos com muito aproveitamento e excellentes informações.

Os acontecimentos politicos occorridos em 1828, e o seu já então acendrado amor ás instituições liberas, levaram-no a assentar praça no batalhão academico e a interromper os estudos. Não tardou que se visse obrigado, para escapar ao car-

cero ou ao cadafalso, a sair precipitadamente de Coimbra, partindo para Paris, onde completou o curso medico em 1831, obtendo, como em Portugal, as mais valiosas distincções academicas.

Merecendo pelo seu peregrino talento e patriótica decisão singulares provas de affecto e consideração ao duque de Palmella, convidou-o o famoso diplomata a acompanhal-o para a ilha Terceira, então o unico refugio dos liberas em terra portugueza.

Formou parte, depois, do valoroso exercito capitaneado pelo imperador D. Pedro, e com elle entrou no Porto, tendo ahí farto ensejo de manifestar a sua proficiencia e actividade na organização de todo o servico medico militar, e, mais tarde, na do civil, quando o terrivel flagello do cholera morbus invadiu a capital do norte, aggravando lastimosamente as agruras do apertado cerco posto pelas tropas realistas.

Terminada a sangrenta guerra civil, foi o sr. Bernardino Antonio Gomes nomeado director do hospital da marinha, e incumbido de elaborar o plano da sua reforma, decretada em 24 de novembro de 1836. Por decreto de 15 de dezembro do referido anno commetteu-lhe o governo a presidencia do conselho de saude naval, cargo que desempenhou com o costumado zelo até 1847. Já desde 10 de abril de 1834, que exercia cumulativamente o logar de medico extraordinario do hospital de S. José.

Em 29 de julho foi nomeado, por concurso publico, lente substituto da escola medica de Lisboa, e por decreto de 17 de maio de 1837, promovido a proprietario da cadeira de materia medica, que regeu com incontestada superioridade até que em 1857, sentindo-se fatigado das lidas do professorado, pediu e obteve a jubilação.

Durante aquelle periodo de vinte annos a nossa primeira escola de medicina passou, como é notorio, por uma verdadeira e brilhante transformação, não sendo de certo o dr. Bernardino Antonio Gomes o que menos dedicada e effizacamente contribuiu para que ella, por successivas reformas, remodelações e melhoramentos, se elevasse á altura em que se acha, e adquirisse jus a ser reputada uma das mais notaveis da Europa.

Regente do reino por morte da rainha a sr.^a D. Maria II, o sr. D. Fernando, accedendo aos desejos manifestados pelo sr. D. Pedro V, de visitar as principaes côrtes da Europa e a exposição universal de Paris, como fez em 1854 e 1855, convidou o dr. Bernardino Antonio Gomes para acompanhar o juvenil soberano na qualidade de seu medico. No desempenho d'esta tão honrosa como delicada missão houve-se como era de esperar do seu brio, primorosa cortezia e seriedade, sendo, ao regressar a Lisboa, nomeado medico da real camera.

Foram os annos de 1856 e 1857 assignalados na nossa capital por duas terriveis epidemias — o cholera morbus e a febre amarella.

Podemos avaliar de *visu* as pavorosas scenas de desolação produzidas por semelhante calamidade, de que Lisboa foi lugubre theatro, e não nos esquecerá nunca, como não ha de esquecer nunca ao reconhecimento popular, o sublime exemplo de coragem civica dado então por esse espirito superior, esse santo moço, que, por tão breves e desafortunados annos presidiu aos destinos da nação.

No cumprimento de um dever de consciencia, no proprio interesse do estado, tentou o dr. Bernardino afastar o soberano do grande foco epidemico.

D. Pedro V não attendeu os conselhos, aliás prudentes do medico e do amigo, resolvendo permanecer em Lisboa. O dr. Bernardino Antonio Gomes, applaudindo acaso no seu intimo a deliberação do chefe do estado, que indubitavelmente salvou Lisboa de mais horrendos desastres, apesar da sua idade adiantada, não só lhe foi companheiro inseparavel nas repetidas visitas aos hospedes e albergues, como cooperou com os collegas, quanto lh'o permitiam a sua elevada posição e obrigações respectivas, em todos os servicos de socorro aos atacados da cruel doença, e assistindo ás autopsias, que se faziam no hospital de S. José; ao mesmo tempo não desamparava as sessões do conselho extraordinario de saude publica, de que era membro, e fazia ouvir a sua palavra convicta, eloquente e autorisada no congresso sanitario reunido na academia real das sciencias de Lisboa.

Em outubro de 1861, o mallogrado principe, que em verdade parecia fadado para o infortunio, tendo perdido a esposa que idolatrava em 17 de julho de 1859, e apoz curta digressão ás magnificas propriedades da casa de Bragança em Villa Viçosa, succumbia a uma doença de natureza palustre no paço



DR. BERNARDINO GOMES

das Necessidades. Precedê-lo na morte seu irmão o infante D. Fernando, e não tardou a segui-lo outro irmão, o infante D. João, que mais se lhe assimilava no caracter e qualidades superiores.

Foi profundo e unanime o sentimento por tão lastimosos successos, em todo o paiz, mas principalmente em Lisboa, onde o joven soberano creára, para assim dizer, uma luminosa lenda de bondade e de virtude. Na sua paixão, manifestada em deploraveis tumultos, o povo por modo algum queria convencer-se de que tivesse causa natural a doença e morte do monarcha tão querido e de seus irmãos.

Quem conheceu como nós o genio affectivo do dr. Bernardino, e a sua inextinguível dedicação pelo principio de quem recebera as mais significativas provas de consideração e estima, é que bem pôde imaginar o que o seu coração soffreria n'essa triste conjunctura. Chegou a pensar em retirar-se do serviço clinico do paço, em que só, todavia, se conservou ainda alguns annos a instancias de S. M. el rei o senhor D. Luiz, que tambem consagrava ao dr. Bernardino Gomes a estima de que se tornára digno pelo seu saber como pelos seus dotes moraes.

É d'essa tempo a sua excellente memoria intitulada *Noticia da doença de que falleceu o Senhor D. Pedro V, e das que na mesma occasião atacaram suas altezas os senhores infantes D. Fernando, D. Augusto e D. João.*

No anno de 1866 assistiu o dr. Bernardino Antonio Gomes como delegado portuguez á conferencia internacional sanitaria de Constantinopla, publicando acerca dos trabalhos d'essa conferencia um magnifico relatorio, que bem mostra como soubera honrar a sciencia e o paiz, que ali dignamente representou.

Em 1867 o dr. Bernardino Antonio Gomes pediu com instancia ser dispensado do serviço do paço, e abandonou de todo o exercicio da clinica. Retemperadas, porém, as forças abataidas, por algum tempo de residencia na sua quinta das Ladeiras, em Santarem, voltou á vida activa, sendo encarregado de varias commissões, que todas desempenhou com a usual pontualidade.

Não deve levar-se á conta dos menos importantes serviços prestados á sciencia e á nação pelo dr. Bernardino Antonio Gomes a publicação da *Pharmacopoeia portugueza*, obra magistral, segundo o conceito dos entendidos, elaborada por uma junta de medicos abalisados, a que presidia, com a efficacia e proficiencia, que devia esperar-se do conceituado auctor dos *Elementos da pharmacologia geral*.

As condições sanitarias de Lisboa foram um dos objectos dos estudos especiaes do dr. Bernardino Antonio Gomes, e é fóra de duvida que á influencia d'esses estudos se devem alguns dos melhoramentos, que se tem realisado.

Patriota devotado e sincero, o dr. Bernardino Antonio Gomes dedicou-se nos ultimos annos, com afincço, ao estudo das nossas vastissimas colonias africanas, nas quaes via não só um padrão de gloria immarcessivel para Portugal, mas tambem um elemento politico da maxima importancia, e um manancial de riqueza para a metropole. Os seus trabalhos relativos á flora ultramarina serão sempre lidos com interesse e muito proveito.

Deve-se ainda á sua insistencia e habilidade a reivindicção e restituição ao paiz das preciosas collecções da expedição scientifica africana ordenada pelo governo portuguez em 1851, dirigida e levada a cabo pelo dr. Frederico Welwitsch. Foi o seu ultimo trabalho, de que justamente se envaidecia. As peripicias da difficil e espinhosa negociação constam da memoria publicada em 1875 sob o titulo: *As collecções da expedição scientifica africana ordenada pelo governo portuguez em 1851, e o direito a ellas perante os tribunales de Londres (em portuguez e inglez).*

Poucos mezes depois, por virtude de extraordinario esforço intellectual e fadigas profissionais, cortadas de não poucos dissabores, foram-lhe minguando as forças e enfraquecendo as eminentes faculdades, de que se lhe originou a grave enfermidade a que não pôde resistir o seu robusto organismo, entregando a alma ao Creador aos 9 de abril de 1877.

Dissemos o que basta para se poder apreciar o grande caracter e serviços do dr. Bernardino Antonio Gomes, caracter e serviços que lhe conquistaram um nome prestigioso.

E longa a lista das suas publicações scientificas; não a reproduziremos, que nos não sobra espaço para tanto, limitando-nos a dizer que por ellas mereceu tambem o dr. Bernardino Antonio Gomes ser, sem duvida, considerado como uma das nossas maiores illustrações medicas, e um dos mais notaveis naturalistas portuguezes do presente seculo.

Era o dr. Bernardino Antonio Gomes socio emerito da academia real das sciencias de Lisboa, socio benemerito da sociedade das sciencias medicas de Lisboa, socio correspondente do instituto de Coimbra, da academia imperial do Rio de Janeiro, da pontaneana de Napoles, da sociedade zoologica, botanica e geologica de Vienna de Austria, da sociedade anthropologica de Madrid, da sociedade imperial de medicina de Constantinopla, etc.

Entre outras distincções honorificas contava o dr. Bernardino Antonio Gomes a carta de conselho, os graus de cavalleiro e official da Torre e Espada e da Legião de Honra, as commendas das ordens de Christo, S. Thiago, S. Mauricio e S. Lázaro, a gran-cruz de Izabel e Catholica, etc.

A gravura, que acompanha este imperfeito esboço biographico foi-nos offerta pelo sr. João Pedrozo, o eminente gravador fallecido em dezembro ultimo, a quem a *Imprensa* deveu sempre o mais especial favor e sympathia. É verdadeiramente primorosa, e, no seu genero, acaso uma das que mais honra o eminente professor e a arte portugueza.

F. PEREIRA E SOUSA.

¹ Em breve esperámos publicar, com uma gravura inédita do sr. João Pedrozo, algumas notas biographicas d'este notavel artista.

A IMPRESSÃO REGIA HOJE IMPRENSA NACIONAL DE LISBOA

(Fragmentos de um livro inédito)

1802-1810

(Continuado)

A influencia de Fr. José Mariano da Conceição Velloso, homem mui activo e intelligente, mas menos probo e escrupuloso do que lhe cumpria, tornou-se sobretudo, no governo da impressão regia, bastante pernicioso, porque continuando no proposito, largamente encaetado na casa litteraria do Arco do Cego, de promover a publicação dos seus escriptos ou dos dos individuos que lhe convinha proteger, sem se fazer cargo da despeza enorme que a impressão de alguns d'esses escriptos importava, despeza de nenhum modo compensada pelo seu extraordinario merecimento ou utilidade, conseguiu, com grave prejuizo do estabelecimento, encher os armazens respectivos de obras e folhetos, que custando avultadissimas sommas, na generalidade não tiveram extracção alguma; sendo forçoso vender a peso os que successivamente se iam deteriorando pela acção do tempo.

Fr. José Mariano Velloso, em meado de 1808, retirou-se para o Brazil, mas as consequencias dos seus erros e abusos, de que existem tristes testemunhas no archivo da imprensa nacional¹, sentiram-se ainda por bastantes annos na economia e disciplina das officinas.

Os demais directores, não podendo sempre contrariar ou oppor-se á influencia do padre Velloso, ou conformavam-se ou dissimulavam, e cada um procurava desempenhar, como lhe era possivel, o ramo de serviço que mais particularmente lhe incumbia.

O desembargador Amaral não tinha a auctoridade indispensavel para impor a ordem e harmonia que faltavam na junta, nem Simão Thaddeu Ferreira, que, todavia, pouco mais de um anno se con-

¹ Entre outros citaremos o termo, em data de 9 de novembro de 1811, lançado a fol. 28 do livro de deliberações e despatchos dados nas conferencias da junta economica.

servou na impressão regia, sendo demittido por decreto de 5 de abril de 1803, e substituído por Antonio José da Guerra, tinha a capacidade, tino e experiencia de Manescal para supprir as irregularidades e desaccordo em grande parte provenientes da propria organização da junta, e em outra parte do caracter de alguns dos seus membros.

Da criação da aula de gravura tambem se não seguiram os effeitos que se desejavam. Bartholozzi era um artista de muito merito; não tinha, porém, como o provam documentos acima de toda a suspeita, o zelo e desinteresse que sempre distinguiram Joaquim Carneiro Silva. Especialmente favorecido pela alta protecção de D. Rodrigo de Sousa Coutinho, pouco lhe importavam as advertencias e reparos da junta economica que, n'este ponto, parece não haver descuidado os seus deveres de justa fiscalisação.

Da permanente desintelligencia, senão aberta hostilidade entre a administração regia e a escola-officina de gravura, que lhe era e devia ser unica e exclusivamente sujeita, resultou, provavelmente em consequencia das queixas e instancias de Bartholozzi e Queiroz, o decreto de 21 de dezembro de 1805 (documento singular da subserviencia de um engenho, aliás, esclarecido e patriótico), pelo qual a aula de gravura ficou isenta de toda a acção fiscal da junta da impressão regia, e unicamente sujeita á inspecção nominal do ministro e secretario d'estado dos negocios da guerra e estrangeiros. O pretexto tomado para tão extranhavel resolução foi achar-se a junta «muito sobrecarregada de trabalho para poder promover e adiantar, que necessitava de vigilancia e protecção mais efficaz!» Entretanto a impressão regia continuava a custear pelo seu cofre aquella officina, em que deixára de ter a devida ingerencia, e com a qual despendeu até 20 de janeiro de 1809 a quantia de 13:410\$540 réis.

Para os progressos e regularidade do serviço da impressão regia não concorreu igualmente, no ponto que se esperava, a fundação da fabrica de papel de Alemquer; ou por menos acertada direcção, ou pelas vicissitudes dos tempos, o certo é que, provenientes d'aquella fabrica, só deram entrada na impressão regia poucos centos de resmas de papel, que de certo se não recommendava pela perfeição de manufactura; e o estabelecimento, encerrado em consequencia da calamitosa invasão de Portugal pelo exercito francez, do commando do general Junot, foi depois quasi inteiramente destruído, consumindo-se assim improduttivamente sommas consideraveis, tanto do estado, como dos socios que constituam a companhia administradora.

Apesar, porém, de tantas circumstancias desfavoraveis, sob a influencia das quaes era acaso impossivel realizarem-se amplamente as aspirações do alvará de 7 de dezembro de 1801, alguns passos se adiantaram no caminho do progresso.

Os typos usados até á installação da junta economica, na grande maioria gravados na respectiva officina, não estavam já então, como era natural, a par dos que se empregavam nos paizes mais adiantados. Urgia substituil-os e reforçal-os: acudiu a administração com diligencia a essa impreterivel ne-

cessidade, aproveitando desde logo para o serviço da composição a grande copia de typos fundidos na excellente casa Didot, que do Arco do Cego tinham sido transportados para a impressão regia, e fazendo concluir todos os punções gravados ultimamente, com o que se preencheram novas series de letra. O material typographico da impressão regia foi tambem, ainda durante o governo da junta, enriquecido com grande porção de caracteres de origem ingleza, que se obtiveram do quartel general do exercito britannico em troca de outros aqui fabricados. Foi devida esta acquisição ao vogal thesoureiro Annes da Costa, bem como a introdução dos primeiros prelos de ferro, do systema Stanhope, que existiram em Portugal, os quaes igualmente se alcançaram por troca de pequenas prensas de madeira, que, pelo seu peso relativamente insignificante, pareceram mais proprias para o serviço de campanha a que se destinavam.

Dos registos que havemos citado em outra parte, consta que se imprimiram de 1801 a 1810, 331 obras (volumes ou folhetos), ou 36 termo medio por anno; e é justo que se diga que se entre ellas se contam algumas menos cuidadosamente executadas, e se no seu conjunto não apresentam em todos os pontos sensível superioridade sobre as impressas no tempo de Manescal, em despeito da innegavel melhora dos typos, deparam-se comtudo n'esse extenso catalogo bastantes trabalhos typographicos notaveis, uns pela aprimorada correcção dos textos, e n'este caso estão, no conceito dos entendidos, algumas edições de auctores classicos latinos, e as selectas de auctores gregos, dirigidas por Costa e Sá e pelo professor Custodio José de Oliveira, outros pela sua especialidade, como as *Tábuas para o calculo das longitudes geographicas*, o *Diccionario da lingua bunda*, de Fr. Bernardo Maria de Cannecattim, as *Grammaticas* das linguas indostanica e maratta, a *Flora Lusitana*, do dr. Felix de Avellar Brotero, e finalmente alguns pela sua excellente execução typographica, como as edições do *Missal* e *Breniario Romano*, aquella tirada a 2:000, e esta a 5:000 exemplares.

A direcção technica das officinas de composição e impressão, depois de Simão Thaddeu Ferreira ser exonerado, foi commettida a Antonio José da Guerra, ao qual nos ultimos annos se deu por ajudante o compositor Francisco José Gomes Ribeiro¹.

F. FERREIRA E SOUSA.

¹ Em 5 de fevereiro de 1810, allegando os muitos trabalhos que sobrecarregavam estas officinas, e não podiam ser vigiados e fiscalizados convenientemente por Antonio José da Guerra, apesar de muy perito, ainda com o auxilio do seu ajudante, propoz, n'um extenso e curioso relatório, o director litterario, Custodio José de Oliveira, estava commettida a superintendencia e administração da typographia, que fosse chamado para a dirigir Manuel Ferreira Bertholdo, irmão de Simão Thaddeu e encarregado da sua casa, que elle qualificava de *official* habilissimo, reunindo todas as mais condições desejaveis. Esta proposta, combatida energeticamente n'uma larga exposição de Annes da Costa, não teve, porém, seguimento. As duas peças que citámos aqui acham-se reunidas a fol. 18 do livro das deliberações e despachos dados nas conferencias da junta economica e litteraria, e são a mais concludente prova da desarmonia que lavrava no seio d'aquelle corpo collectivo, e apressou a sua extincção.

² Livro 1 de registo de decretos, avisos e ordens, a fl. 67.

O PAPEL E O PERGAMINHO

(Continuação do n.º 63)

Conforme o grau de polido, de collagem ou de grossura, assim se dividia o papyrus em muitas qualidades: desde o *hieratico*, composto de folhas do centro e reservado aos livros sagrados, até ao *emporetico* ou papel de empacotagem. Segundo os calculos de mr. Ambrose Didot, o custo de uma folha de papyrus regulava por 4 a 5 francos da moeda franceza. Estas folhas collavam-se umas nas outras de maneira a formar rolos que chegavam a medir 15 a 18 metros de comprimento. O livro assim disposto, enrolado em volta de um cylindro, davam os romanos o nome de *volumen*, que se continuou a usar impropriamente para a designação do livro quadrado, formado de folhas distinctas. A palavra latina *liber* e a grega *byblos* (*βύβλος*) que traduzem igualmente o portuguez *livro*, significavam originariamente a capa herbacea e membranosa das plantas. O livro em forma de rolo prolongou-se até á idade media, applicado a certos manuscritos de ordem especial, como, por exemplo, as genealogias que se chamavam *rolos mortuarios*.

Os papyrus conhecidos até agora provêm de tres origens diferentes. Os mais antigos cobertos de hieroglyphos encontraram-se no Egypto. Disseminados pelas grandes bibliothecas da Europa, foram decifrados e publicaram-se em parte. Outros, em numero de 2:000 volumes, tornaram-se conhecidos depois da descoberta de Herculanium no seculo passado: são manuscritos de obras gregas e latinas desgraçadamente quasi todos carbonizados. Emfim, os primeiros tempos da idade media tambem nos transmittiram alguns, sendo os de maior importancia as cartas de Ravenna e os diplomas merovingianos.

«A voga do papel do Egypto, diz a este respeito, mr. Lecoy de la Marche, começou a declinar no seculo vii, depois da conquista d'aquelle paiz pelos arabes. Este acontecimento tornou quasi impossivel a exploração da materia prima. Na Italia prolongou-se o seu uso, diminuindo progressivamente até ao seculo xi. Na Gallia abundava ainda no tempo de Gregorio de Tours, sobretudo em Marselha, onde os navios da rica cidade phoceanna aportavam com grandes cargas d'elle. Empregavam-no então não só na escripta, mas tambem no fabrico de pavios. No seculo viii chega quasi a desaparecer. No tempo de Carlos Magno e seus descendentes, dava-se ordem aos escriptas da chancellaria real para prepararem os papyrus meronvigianos, cortal-os e cozêl-os a fim de n'elles escreverem opportunamente os actos dos seus soberanos. Os *palimpsestos* não existem sómente sobre pergaminho, como erradamente se tem affirmado.»

Não obstante o pergaminho ter-se tornado de uso geral muito mais tarde que o papyrus, é certo, porém, que elle remonta igualmente a uma epocha muito afastada. Os persas, os judeus, os gregos e mesmo os celtas conheceram muito cedo os *diphteres* ou faxas de couro sobre as quaes se traçava a escripta. Mas só no anno 197 antes da nossa era, é

que os industriaes de Pergamo deram á pelle preparada apparencia quasi similhante á que ainda hoje tem. O novo invento recebeu o nome de *pergamenum*, de onde derivou a palavra franceza *parchemin*, n'outro tempo *pergamini*; o seu uso progrediu mui lentamente e só se tornou quasi geral pelo completo desaparecimento do papyrus. Os primeiros ensaios de fabricação realizados pelos romanos, tinham em uma ou outra parte um mediocre successo: o pergaminho obtido era grosseiro, de uma côr amarelada e suja; só muito mais tarde conseguiram tornal-o mais claro, afinando-o por todos os meios que lhes suggeria o gosto do luxo e da riqueza.

O pergaminho ordinario é uma pelle de cabra ou de carneiro. Descarnada, adelgada á faca, desgordurada, era em seguida polida com pedra pomes a fim de lhe tirar os pellos, manchas e rugosidades. Cada uma d'estas operações estava confiada a um operario especial. Eram, portanto, e quasi sempre, dois. Um que manejava a faca (*rasorius*), o outro a pedra pomes (*pumex*). Foi por excepção que, na idade media, um frade transformou, elle só, uma pelle em bruto, n'um bello manuscrito calligraphado e illuminado. Nos mosteiros fabricava-se pergaminho em quantidade, e o officio de irmão *pergaminiarius* gosava de importancia relativa. Alguns d'esses *pergaminiheiros* levaram longe a sua reputação, principalmente o abbadde de Cluny, no xii seculo.

Quanto ao pergaminho virgem que se approxima do velino pelo granulado e pela côr, fabricava-se com pelles de cordeiro ou de cabra recém-nascida. O velino, mais polido, mais branco, mais transparente era feito, como o seu nome indica, de pelle de vitella.

Parece que o requinte foi muito mais longe, chegando até a servirem-se da pelle humana. Uma tradição, consignada por um antigo bibliothecario da Sorbona, Gayet de Sansale, diz que essa qualidade de pelle se empregou em um exemplar das *Decretales*. O abbadde Rive pareceu-lhe tambem reconhecer a pelle de mulher em uma biblia latina do seculo xiii, conservada na bibliotheca nacional de Paris, e cujo pergaminho era realmente de uma finura notavel.

Se, entre os romanos, o papyrus, vista a facilidade que elles tinham em o obter, era de uso mais frequente que o pergaminho muito raro e caro, em compensação este empregava-se de preferencia para certos trabalhos de luxo, verdadeiras preciosidades bibliographicas, pela sua resistencia e duração superiores ás do papyrus. Cicero, que tinha muitos livros em pergaminho na sua magnifica bibliotheca, dizia ter visto toda a *Illiada* copiada sobre um rolo de *pergamenum* que se continha no concavo de uma casca de noz; obra de paciencia de que o sabio Huet demonstrou um dia a possibilidade. Muitos epigrammas de Martial provam-nos que, no tempo d'este poeta, eram numerosas as obras d'aquella especie. Infelizmente, d'essa epocha, não existe hoje nenhum monumento escripto em pergaminho. O *Virgilio* do Vaticano e o *Terencio* de Florença, são do iv e do v seculo da nossa era.

A. COSTA.